

# Dívida externa Mercado vê pressão adicional sobre o dólar, que pode chegar a R\$ 1,89

## Amortização recorde em junho

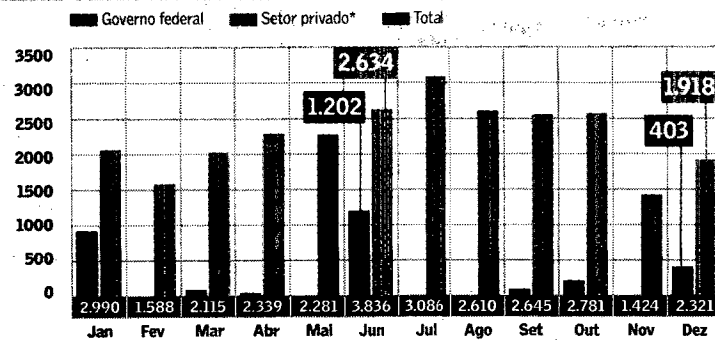
**Cristiane Perini Lucchesi**  
De São Paulo

O Brasil terá amortizações da dívida externa de US\$ 3,836 bilhões em junho, segundo os números do Banco Central. É um recorde para este ano se forem desconsiderados os pagamentos voluntários feitos em abril ao Fundo Monetário Internacional (FMI) referentes ao programa de assistência financeira, ao BIS e ao Banco do Japão. As amortizações da dívida do setor privado e dos governos estaduais e municipais deverão chegar a US\$ 2,634 bilhões. Podem ajudar a pressionar o câmbio em um momento de tensão nos mercados internacionais.

Será US\$ 1,102 bilhão em empréstimos ao setor privado mais US\$ 1,532 bilhão em financiamentos à importação que devem passar pelo mercado cambial. Vão contribuir para a escassez da moeda americana em um mês de preocupação com a possível alta de juros americanos na reunião do Fed, banco central dos EUA, no dia 28 de junho. O mercado estima que as cotações do dólar deverão ficar entre R\$ 1,82 e R\$ 1,89. Na sexta-feira passada, chegaram a bater em R\$ 1,85.

“Pressão no câmbio vai acontecer. Mas os fundamentos do país são positivos e não estamos passando por um momento de con-

**Amortizações da dívida externa**  
Vencimentos, em US\$ milhões



\* Inclui outros créditos ao setor público. Fonte: Banco Central

tração da liquidez internacional. Há saídas fortes de dólares, mas também acontecerão entradas”, estima Octavio de Barros, economista-chefe do Banco Bilbao Vizcaya. As exportações devem crescer e os investimentos diretos devem continuar, afirma.

Luiz Alberto Marques, diretor de tesouraria do Boavista Interatlântico, estima que só a Portugal Telecom deverá ingressar com mais de US\$ 1,3 bilhão em junho para pagamento dos acionistas minoritários da Telesp Celular. Neste ano, até a segunda semana de maio, entraram US\$ 9 bilhões em investimentos diretos, seguindo a taxa de câmbio.

Octavio de Barros acredita que as empresas brasileiras não deixarão de trazer recursos do mercado

externo. “A tendência é de as empresas aceitarem pagar prêmios mais altos para buscar recursos no exterior”, afirmou. Lilian Parola, operadora de renda fixa internacional do Standard Bank, concorda. “Ainda há demanda reprimida pelos papéis brasileiros. É só uma questão de ajustar os preços à nova realidade de juros internacionais”, disse.

O Banco Sudameris, por exemplo, já aceitou uma ligeira alta de juros em seus bônus. Estará realizando no dia 25 o lançamento de título de US\$ 10 milhões, que vence em um ano, a uma taxa de 8,85% ao ano. No dia 28 de abril, o Sudameris havia captado US\$ 20 milhões, por um ano, com taxa menor do que a de agora, de 8,60%. Segundo explica Rafael Cardoso, di-

retor financeiro, as duas operações foram um “private placement” — foram direto para investidores privados, sem passar pelo mercado.

As emissões de títulos de US\$ 150 milhões da Light e de US\$ 300 milhões da Eletrobrás poderão ir ao mercado internacional nesta semana: Carlos Alberto de Melo, do WestLB Banco Europeu, responsável pela emissão da Eletrobrás, diz que a apresentação da empresa para os investidores externos está a todo vapor.

O rendimento sugerido para o papel de dois anos de vencimento da Light é de 9,75% ao ano e o de cinco anos da Eletrobrás é de um patamar de 11,5% ao ano e 12% ao ano. Na sexta-feira, o BC vendeu um título público corrigido pelo câmbio no mercado interno a uma taxa de 12,47% ao ano. Ou seja, se as empresas conseguirem pagar a taxa de rendimento proposta no exterior, poderão aplicar os recursos obtidos em títulos públicos no mercado interno e ganhar a diferença, no caso da Light, de 272 pontos-base (o equivalente a 2,72 pontos percentuais).

A Eletrobrás poderá pegar taxas mais vantajosas nos títulos do governo de prazo de vencimento em cinco anos. Conclusão: apesar de mais altos, os rendimentos dos eurobônus das empresas brasileiras ainda estão comparativamen-

te baixos.

O Banco do Brasil também está com captação engatilha, diz Rubens Amaral, diretor da área internacional. O banco tem programa de captação de US\$ 1 bilhão e está esperando uma “janela” para voltar ao mercado. Amaral afirma que o Banco do Brasil não emite desde o início de 97 e precisa voltar ao mercado para que os papéis não percam liquidez.

Se há empresas com captações novas no mercado internacional, há bancos que estão pagando a dívida que está vencendo sem previsão de recolocação de títulos. O Boavista Interatlântico tem vencimento de dois papéis em junho, no total de US\$ 182,5 milhões, e vai pagar os dois.

As amortizações da dívida pública federal em junho — US\$ 826 milhões do IDU, título da dívida externa brasileira que está para vencer, mais US\$ 376 milhões de compromissos com o Clube de Paris — não devem trazer pressões adicionais no mercado de câmbio. Geralmente o governo federal tira seus recursos das reservas internacionais, o caixa em moeda forte no país. Mas, se o Tesouro decidir comprar mesmo que sejam só US\$ 100 milhões no mercado interno para pagar o Clube de Paris, como costumava fazer em meses de fortes amortizações, poderá ajudar a pressionar o câmbio.